

PRIMEIROS CONTATOS COM A LÍNGUA INGLESA: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DE 6º ANO¹

O chão foi o meu quadro negro; gravetos, o meu giz. (Paulo Freire)

William Maass Costa²

Maristela Righi Lang³

Pretendemos com este trabalho, relatar e refletir acerca de vivências em sala de aula com alunos do 6º ano de uma escola municipal de Ensino Fundamental. Relataremos casos específicos, sob a ótica Freiriana e de Pedro Demo, buscando suas visões sobre a questão do aprender individual e coletivo. Apontaremos, do ponto de vista teórico, questões como a aprendizagem, em se tratando de parte intrínseca do educando; também como a crítica e a individualidade são tratadas pelo professor e por outros colegas.

Além disso, relataremos o desenvolvimento de um projeto interdisciplinar sobre Meio-ambiente e o modo como os alunos se colocaram diante da necessidade de cuidado e preservação do seu entorno. Também trataremos da importância de valorizar o conhecimento prévio do aluno. Isso porque se acredita que a leitura do mundo pode trazer ao aluno/educando uma maior visão sobre o todo e sobre si mesmo, e as possibilidades de potencializar os processos de aprendizagem.

Para a realização deste trabalho, utilizaram-se anotações feitas após as observações e mediações com uma turma de 6º ano. Ao longo do texto desenvolveremos questões como comportamento em sala de aula, modo de absorção aprendizagem de conteúdo e dinâmica entre colegas. Como material teórico, serão utilizados os livros: *A Importância do Ato de Ler, em três artigos que se completam*, *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*, *Pedagogia dos Oprimidos*, de Paulo Freire e *Educar Pela Pesquisa*, de Pedro Demo, usando de seus conceitos pedagógicos, em diálogo com as ações observadas no grupo.

¹ Relato de experiência de inserção de bolsista do Subprojeto Interdisciplinar Letras – Português e Inglês do PIBID – UNIJUÍ/Capes em turma de 6º ano de escola de Ensino Fundamental do município de Ijuí/RS

² Acadêmico do curso de Letras – Português e Inglês, bolsista do Subprojeto Interdisciplinar Letras – Português e Inglês do PIBID – UNIJUÍ/Capes, costawilliam603@gmail.com.

³ Professora do curso de Letras, coordenadora do Subprojeto Interdisciplinar Letras – Português e Inglês do PIBID – UNIJUÍ/Capes, marilang@unijui.edu.br, orientadora.

Este estudo tem como foco as atividades desenvolvidas em uma turma de 6º ano, na disciplina de Língua Inglesa, acompanhamento iniciado em março do corrente ano. A inserção de bolsistas do PIBID no âmbito da sala de aula proporcionou auxílio no sentido de sanar as dificuldades dos alunos em relação à Língua Inglesa. Como é o primeiro ano em que há contato com esse grupo de alunos, a recepção da turma foi, a princípio, negativa. Talvez, principalmente, levando em consideração a falta de experiência dos alunos em relação a uma língua estrangeira, as dificuldades se apresentaram já na introdução de questões básicas. A professora responsável pela turma, que possui fluência em língua estrangeira, “viu-se em volta” de perguntas banais e falta de motivação. O que se pensou em relação à criação de atividades, foi em desenvolvê-las de forma objetiva, simples e pensadas de forma Interdisciplinar.

Apesar das dificuldades iniciais, houve várias manifestações de aprendizado na turma do sexto ano com a qual interagimos. O que se pôde perceber é que há alunos com dificuldade de concentração em suas tarefas. Além disso, é notável que alguns não possuem habilidades de comunicação desenvolvidas conforme o esperado, ou seja, interagir com os colegas. Como a turma em questão tem suas primeiras experiências com uma língua estrangeira, o apoio de colegas seria primordial.

O que pode ser discutido, em relação a essa turma, baseando-se nos pressupostos de Paulo Freire (2011), é o fato de os alunos terem seus diferenciais em suas perspectivas de vida, englobando suas próprias vivências e formas de aprendizado. Dentro do âmbito da sala de aula, existem quatro tipos de aprendizagem, quatro nuances que se misturam e formam um mosaico colorido de diferentes opiniões e modos de ver o mundo. A partir das leituras das obras de Freire, pode-se apontar quatro tipos de aprendizado, que pensamos em decorrência da postura dos alunos, quais sejam:

a) Introspectivos e receptivos

Esses alunos introspectam as informações que entendem, ficando calados após uma atividade. A forma de entendimento difere dos demais; é muito mais visual e auditiva do que propriamente oral. Uma orientação para esse caso específico é guiar esse “poder” intelectual e interior para ajudar colegas e/ou professores, fazendo-o se descobrir oralmente.

b) Introspectivos e não receptivos

Aqui se tem a mais difícil forma de aprendizado, já que conseguir informações ou a participação desse educando em especial é deveras trabalhoso (porém não menos valioso). Um exemplo que tivemos foi de um aluno que não conversava com colegas, apenas observava as aulas e não realizava atividades. O trabalho nesse caso era fazê-lo participar, envolver-se, interagir com os colegas, com a professora e com as atividades propostas.

c) Extrovertidos, receptivos e compartilhadores

Esses são a base de ajuda do professor - se bem orientados -, podendo espalhar, disseminar o entendimento pelo ambiente de sala de aula, ajudando, tanto introvertidos, quanto extrovertidos que não têm o mesmo domínio para lidar com determinado assunto. Usando o potencial desse tipo de aluno, seria possível mobilizar os outros, que são mais introvertidos, para se envolverem como processo de aprendizagem; outra possibilidade seria torná-los “ajudantes” do professor, pois isso os faria se sentirem valorizados e comprometidos com a aprendizagem.

d) Extrovertidos não receptivos

Assim como os introvertidos não receptivos, esses se fecham às orientações. A diferença, entretanto, é a de que a exposição das dúvidas é muito mais frequente do que as apresentadas pelos introvertidos. O trabalho seria usar essa curiosidade, essa inquietação, para que o todo seja beneficiado e, assim, as dúvidas sanadas.

Conhecer os alunos e perceber como interagem com o processo de aprendizagem é essencial para que o professor possa, realmente, criar as condições para que os alunos entendam e se apropriem dos conceitos e construam conhecimento. Para isso, o professor precisa conhecer seus alunos, o que acontece quando há o processo de ensino e aprendizagem de forma interativa, em que todos estejam ativos no processo.

Nessa perspectiva, a pesquisa se configura como uma possibilidade de aprendizagem qualificada, desde que vista como um princípio educativo, que faça parte do fazer cotidiano da escola. Pesquisa é busca, é aguçamento da curiosidade, é caminho para novos conhecimentos. Vale destacar as palavras de Pedro Demo (1998, p. 6), segundo o qual “O que melhor distingue a educação escolar de outros tipos de espaços educativos é o fazer-se e refazer-se na e pela pesquisa. A própria vida como tal é um espaço naturalmente educativo”. Ao pensar o processo de ensino e de aprendizagem na escola, a pesquisa potencializa a capacidade de questionamento e racionalização do entorno. Assim, criar situações em que a curiosidade se faça presente, motivará ainda mais a busca pelo conhecimento e a concretização do processo de aprendizagem.

Educar exige respeito - e não submissão - aos saberes dos educandos, pois é a partir deles que as aulas vão ser pautadas e a participação dos mesmos efetivada. A inserção de pesquisa é essencial para a criação de autonomia do aluno, como por exemplo, ao ler uma atividade anteriormente feita. A criticidade é um fator primordial para que o aluno se coloque como formador de seu próprio conhecimento, pesquisando, lendo e perguntando.

Não há criação efetiva em sala, sem participação dos dois lados, e sem as duas visões, do aluno e do professor. Pedro Demo afirma (1998, p. 62) que:

Trata-se de promover a solidariedade, mais que a competitividade [...] O ponto de referência mais decisivo é a formação de sujeitos capazes, críticos e criativos, democraticamente organizados, aptos a superarem a condição de massa de manobra ou de objetos.

Nesse sentido, trata-se então de incentivar o aluno a usar de suas capacidades para seu benefício, deixando de apenas copiar, para também usar o processo reflexivo, o diálogo, para, a partir dos conhecimentos obtidos se afirmar como sujeito capaz, que deixa de copiar para produzir, pois o que faz tem sentido.

Na turma em questão, inserida numa escola cujo projeto Interdisciplinar tratava sobre o Meio-ambiente, para o qual houve a participação de diferentes sujeitos - professores, bolsistas dos diferentes subprojetos, conteúdos e ideias - a Interdisciplinaridade agiu como um bem maior, em prol do todo da escola. Nesta turma em específico, na qual o Inglês estava sendo ensinado, uma atividade foi proposta: a criação de tirinhas, nas quais os alunos se posicionassem a favor do Meio-ambiente. O projeto Interdisciplinar objetiva benefícios para todos os envolvidos no processo. Como exemplo disso, no planejamento, ao pensar atividades para a Língua Inglesa, levava-se em consideração aspectos relacionados à Educação Física, Língua Portuguesa e Matemática.

A escolha do tema se justifica pelo fato de que o homem é cercado pela natureza e, conseqüentemente, age em relação à mesma, embora em muitas situações isso não aconteça de forma consciente. Como a escola é um espaço em que se realizam ações pedagógicas intencionais, projetar um estudo sobre o meio-ambiente tem como motivador o fato de que se faz necessário um olhar acerca do meio que cerca os humanos. Freire (2011: p. 106) assegura que “a educação, especificidade humana, como um ato de intervenção no mundo”, ou seja, a escola não pode prescindir de promover ações que permitam aos alunos analisarem o meio em que estão inseridos e se conscientizarem da necessidade de posturas que demonstrem o cuidado e o respeito pela natureza, a fim de que seja possível a manutenção da vida de todos os seres vivos de forma equilibrada.

Para o Projeto Interdisciplinar, a Língua Inglesa propôs, além da produção de tirinhas sobre a temática meio-ambiente, uma atividade visual, a qual se embasou no filme *Bee Movie*. As tirinhas tiveram origem em conversas e sugestões entre bolsista e orientadores, levando em consideração as múltiplas possibilidades de os alunos criarem o seu próprio texto. Ainda se destaca a introdução da linguagem como meio de divulgação de uma mensagem, o discurso de preservação, de forma consciente e aprendendo a Língua Inglesa.

O filme possibilitou aos alunos verem, em uma narrativa, a questão ambiental. Depois disso, discutiram, problematizaram a partir de suas próprias perspectivas, além da mediação da

professora e bolsistas, os acontecimentos e realizaram a atividade com bastante envolvimento, refletindo sobre a questão ambiental.

Os resultados foram bastante positivos, se considerada a mínima experiência dos alunos com a Língua Inglesa. O discurso de preservação ambiental ficou evidente, assim como a criatividade. O que possibilitou o desenvolvimento daquilo que foi planejado foi o embasamento a partir do filme e das posteriores discussões, incentivando a consciência crítica e a criação autônoma, já que grande parte da realização da atividade foi dos estudantes, e contribuíram de forma benéfica à aprendizagem do inglês.

Não se desconsiderou a importância de ler e perceber os inúmeros significados existentes, entendendo que o significado não está só na palavra, mas se constrói nas diferentes situações, por isso as palavras podem ter diferentes sentidos para os sujeitos, a partir da experiência de cada um, mas com as devidas intervenções e mediações do(s) professor(es), é possível chegar aos significados, sem desconsiderar o processo construído por cada um e os diferentes conhecimentos que trazem consigo. De nada adianta saber escrever e ler uma palavra, se a mesma não possui significado para o sujeito. Em relação à aprendizagem de uma nova língua - como é o caso da língua inglesa - a necessidade de o aluno entender o contexto de uso das palavras permitirá que ele signifique a palavra e possa usá-la efetivamente nas diferentes situações, fugindo do processo mecânico de decorar palavras e significados.

Professor e bolsistas possuem papel fundamental no processo de aprendizagem dos alunos e se os mesmos conhecerem seus alunos e tiverem consciência das diferentes características dos alunos, isso poderá ser usado como uma estratégia de ensino e de aprendizagem que beneficie a todos.

O acompanhamento da turma de 6º ano e as leituras envolvendo o processo de ensino e de aprendizagem permitem afirmar que há diferentes formas de aprender, bem como o fato de que os alunos se manifestam de modos diversos quanto ao processo. Na turma em que se fez o acompanhamento e monitoria, percebe-se que há o espaço para o questionamento e participação dos alunos no desenvolvimento da aprendizagem, bem como se deixa claro os motivos daquilo que se está fazendo. Em certa medida, se coloca em prática a ideia de Freire (2011, p. 31), isto é, “discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos”, uma vez que o foco de estudo estava na questão ambiental.

Mesmo que muitos relatos evidenciam que se desconsideram as diferentes formas de o aluno se colocar frente ao conhecimento, na turma do 6º ano isso tem se mostrado diferente. Um dos fatores que permite isso é o desenvolvimento de projeto interdisciplinar, abordando um tema essencial para que se possa promover conscientização sobre ações responsáveis quanto à

qualidade de vida; o outro é o fato de que, aos poucos, tem-se levado em consideração as características dos alunos, respeitando-as e, na medida do possível, instigando mudanças de postura para que a aprendizagem seja qualificada.

O que pode ser dito é que, à medida que se considera o conhecimento de mundo que o aluno traz consigo, suas características são respeitadas e sempre que necessário, intervenções para que haja o envolvimento com o conhecimento, com os colegas e professores, haverá efetivamente aprendizagem. Cabe aos professores, então, introduzirem no contexto da sala de aula - e fora da mesma - a valorização da leitura do mundo e também da palavra, com dinâmicas de aprendizagem que promovam, de fato, a construção do conhecimento, para que assim a educação possa assumir seu papel social de formadora, capaz de transformar realidades.

Palavras-chave: Processo de aprendizagem; Conhecimento; Autonomia; Leitura.

REFERÊNCIAS

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. Editora Autores Associados, 3ª Edição. São Paulo, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Editora Paz e Terra. São Paulo, 2011.

_____. **A Importância do Ato de Ler**- em três artigos que se completam. Editora Autores Associados, 25ª Edição. São Paulo, 1991.

_____. **Pedagogia da Autonomia**- saberes necessários à prática educativa. Editora Paz e Terra. São Paulo, 2011.